

AmM/F.221

Raro

WALDEMAR
BATISTA DE
SALLES

DISCURSO DE POSSE
NA ACADEMIA
AMAZONENSE DE
LETRAS

MANAUS — AMAZONAS

DISCURSO pronunciado no dia 25 de Julho de 1969, pelo escritor **WALDEMAR BATISTA DE SALLES**, por ocasião de sua posse na **ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**, na cadeira que tem como patrono, o poeta e gramático **PAULINO DE ALMEIDA BRITO**.

— **MANAUS** —

AMAZONAS

Amaz
F 2221
B 20

Presidente DJALMA BATISTA — médico e intelectual, que dirige, com elegância e dedicação, esta Academia;

Ilustres Acadêmicos — Dignas Autoridades presentes, Senhoras e Senhores:

Chego a esta Academia Amazonense de Letras, nesta noite solene e festiva, com o espírito tranquilo e isento de vaidades, trazido e incentivado pela bondade de meus amigos.

E trago para a ilustre Confraria das letras amazonenses, nesta hora estelar, os olhos ainda cheios de paisagens e admiração imensa pela terra dos grandes rios e também de Ajuricaba.

No prefácio do meu último livro, «O AMAZONAS — o meio físico e suas riquezas naturais» — afirmei que escrevia aquele trabalho com profunda admiração e respeito aos homens, mulheres e crianças que, no interior do Estado, enfrentam as intempéries da natureza, as hostilidades do meio físico e as doenças, lutando, cada dia, pela conquista do pão, no trabalho árduo e fecundo do extrativismo e do amanhã da terra. E ainda em homenagem àqueles caboclos que, nascidos às margens dos rios, povoam o Amazonas com alta dignidade, no sentido de integrar a região na realidade brasileira, sem fanfarras, sem músicas e sem encenações.

Este é o primeiro sentido de minha presença

entre vós, ilustres Acadêmicos, como uma homenagem sincera ao Amazonas, às suas paisagens, ao esforço de seus filhos, nesta região equatorial e úmida.

O outro impulso, orientado pelo coração e pelas lembranças, é o de trazer a esta Academia, onde pontificaram espíritos elevados e ilustres, como de Adriano Jorge, Péricles Moraes, Álvaro Maia, Jonas da Silva e outros, de saudosa memória, a minha colaboração simples, amiga e sincera, a fim de que se conserve a sequência de esplendor nas letras amazonenses.

Não havia procurado, nem era de minha intenção, desejar a imortalidade mental, que outra não pode ser — pois somos todos mortais e humanos — nesta minha luta constante entre funções públicas, que desempenhei e desempenho ainda e as lides forenses, numa profunda experiência humana de cultivar o Direito e a Justiça e dar, dentro da realidade brasileira e da sociedade em que vivemos, o equilíbrio jurídico necessário, a fim de que essa mesma sociedade possa sobreviver com dignidade, liberdade e alta independência.

PAULINO DE BRITO

E chego a esta Academia como que iluminado pelo espírito do patrono que escolhi — **PAULINO DE BRITO** — uma das figuras mais singulares das letras e da literatura, gramático, poeta e prosador, nascido em Manaus a 9 de abril de 1858, formado em Direito pela Faculdade do Recife.

Era filho do tenente de artilharia Paulino de Almeida Brito e d. Ricarda de Almeida Brito. Seu pai morreu em campanha, na Guerra do Paraguai, na Retirada da Laguna.

Sua genitora, apesar do oferecimento de pensões do Governo, recusou tal favor, regressando a Belém, estado do Pará, onde Paulino de Brito iniciou seus estudos, no Colégio do Professor Saraiva. Mais tarde, por falta de recursos, aventurou-se pelo interior, sem maiores proveitos.

Voltando à Belém, tempos depois, matriculou-se na Escola Normal daquela cidade, cujo curso terminou com raro brilhantismo, conquistando, mais tarde, a cátedra de Português.

E, posteriormente, bacharelou-se em Direito, que constituía o seu maior sonho, consoante já afirmou antes.

Seus trabalhos espelham sua viva inteligência e atividades mentais, destacando-se os seguintes: Gramática Primária — Gramática da Língua Portuguesa e Gramática do Professor.

Dai se nos afigura, portanto, que o ilustre patrono era apaixonado pelo idioma, tinha a meticulosidade na colocação dos pronomes e além dessas gramáticas que serviram e orientaram diversas gerações, ainda escrevia romances e poesias.

Publicou inúmeras obras, destacando-se: «Cânticos Amazônicos»; «Noites em Claro»; Histórias e Aventuras (Contos); «O homem das Serenatas» (Romance); «Dolores» (Romance); «Brasileirismos da Língua Portuguesa e «Colocação de Pronomes» (Polêmica).

Na capital paraense foi colaborador constante do jornal «Província do Pará» e também fundou e dirigiu «A Palavra», para então defender seus ideais católicos.

Mas, Ilustres Acadêmicos, Paulino de Almeida Brito também foi poeta.

E ser poeta é um destino, uma espontaneidade, uma vivência.

Já nos alertara, certa vez, o poeta J. G. de Araújo Jorge, no prefácio da Antologia da nova poesia brasileira:

«O poeta é instrumento. A poesia é música. Ou, dizendo melhor, o poeta é instrumento e música, porque a música do poeta está com êle, muito embora os motivos lhe venham do mundo exterior. É um instrumento que prescinde do artista, porque se executa a si mesmo. É um instrumento que tem coração, nervos, alma e por isso mesmo vibra e se manifesta independente de agente. A vida é o verdadeiro agente que faz o poeta vibrar: a vida, o mundo».

E mais adiante, J. G. de Araújo Jorge, poeta de rara sensibilidade, ainda esclarece, referindo-se às tendências dos parnasianos, simbolistas e modernistas :

«são velhas as duas teses: a da arte pela arte, de caráter individualista, em cuja defesa acorreu um dos mais belos espíritos da Inglaterra, talvez o seu escritor de maior parentesco espiritual com os latinos, Oscar Wilde: é a da arte em função social. As duas foram colocadas frente a frente repelindo-se. Errado evidentemente, desde que uma e outra têm o seu papel, a sua missão, e podem coexistir no mesmo artista. O essencial é que sejam sinceras, correspondam a manifestações espontâneas de beleza, a solicitações profundas do «eu» individual, debruçado ou sôbre si mesmo «para dentro» ou sôbre os problemas complexos da coletividade, «para fora». A arte é uma síntese. O poeta pode ser individualista sob o ponto de vista da concepção de sua arte, e nem por isso deixará de cumprir sua missão social de espalhar o belo, de deleitar e refazer os espíritos. Nem só de uma arte que tenha uma feição política ou social vivem os homens. Mas

o poeta pode sentir os anseios de tóda uma coletividade, ser solicitado por poderosas forças interiores de sua vocação e se interessar por ela, e lutar por ela.»

E assim Paulino de Almeida Brito foi também poeta. Não escreveu somente gramáticas, mas teve inspirações, tornou-se instrumento da poesia, esta força que vem do alto, transcendentalmente, modificando os seres humanos, muitas vezes completamente alheios aos problemas e ambições dêste mundo.

De suas poesias destaca-se «Rio Negro», que o poeta externa sua emoção assim:

«Na terra em que eu nasci, deslisa um rio
ingente, caudaloso
porém triste e sombrio;
como noite sem astros, tenebroso;
qual negra serpe, sonolento e frio.»

No final de seus versos, acha que o rio Negro se parece com êle, que entre o riso, o prazer, o gozo e a calma, passa entregue aos fantasmas do seu sonho e às trevas de sua alma!

E dêle já nos dizia Marques de Carvalho, no prefácio de «Noites em Claro», em fevereiro de 1.888: «possuindo inveterado conhecimento do coração humano, Paulino de Brito sabe emocionar a alma do leitor, despertar nêle êsse entusiástico arroubo de convencimento que também produzem as poesias de Ramon Campeamor. Não raro propende para a melancolia, desferindo na lira sentidos sons da mais pungente saudade.

Os seus versos perdurarão longamente no seio do povo amazonense. A sua musa é verdadeira, é humana, e daí pode tirar o melhor motivo para o mais justo orgulho, como há de tirar tóda a força, sua ilimitada vitalidade na alma popular. Só morre o que é fictício. O exemplo do asserto, encontra-lo-

-emos a cada passo na história das nações. Balzac, Flaubert, os Goncourts, Daudet e Zola só viverão por longo tempo, porque foram humanos e souberam descrever-nos a humanidade exatamente como ela é.»

Sua poesia, assim, tem sensibilidade e humanismo. No soneto intitulado «Lágrima de Mulher», o poeta se manifesta plenamente, dizendo saber o aprêço que lhe merece uma lágrima em rosto de mulher.

E nesse mesmo livro «Noites em Claro» inseriu belíssimo poema a Carlos Gomes, figura singular de musicista e glória de nossa nacionalidade.

Como em todos os seus versos, o poeta aspira o amor puro, ideal, sincero e não o encontra neste mundo tão cheio de imperfeições, de angústias, de ódios e de misérias.

E então canta :

«Se eu pudesse! Ah! Se eu pudesse
encontrar o que procuro:
um amor sincero e puro
n'um coração de mulher!
Amor imenso, poético,
amor ideal, profundo,
amor que não tem o mundo
nem sabe compreender!...

E desiludido, diz para cumprir-se o seu destino, levando ao Calvário a sua cruz!

Todo poeta sonha com u'a mulher ideal, esquecendo que o ser humano sempre tem defeitos e virtudes, próprios da Humanidade.

Ressalte-se, porém, em suas poesias, a beleza de linguagem, polida, burilada, refletindo imagens interessantes, sem descair para o lugar comum, rasteiro, do simples fazedor de versos.

Disse antes que os poetas constituem seres diferentes, emotivos, de rara sensibilidade, buscando a perfeição, plenos de musicabilidade. E Paulino de

Brito não podia fugir a êsse desígnio, consoante podemos observar em seus trabalhos literários e, de modo particular, em suas poesias.

De seus contemporâneos as opiniões são excelentes. Consideravam-no «a pérola dos talentos», na expressão de Verissimo do Couto, reafirmação feita por Marques de Carvalho, que o tratava sempre de nobre literato, inspirado, porém, no belo, no amor e nas humanas virtudes.

Sua personalidade, assim, era fascinante. Na infância, por falta de recursos, fez-se aprendiz de tipógrafo e daí, as primícias de sua futura vida de intelectual, de professor e jornalista emérito.

Sentiu a atração da selva amazônica e aventurou-se pelo interior, chegando a trabalhar como caixeiro em um seringal no longínquo rio Purus.

Mas essa aventura não durou muito, para felicidade das letras e da literatura. E, como o inesquecível Machado de Assis também foi tipógrafo.

Cultivou, com especial carinho, a língua portuguesa. Foi um dos maiores mestres do nosso idioma. As gramáticas que escreveu, as polêmicas que travou com o lexicógrafo Cândido de Figueiredo, demonstram à saciedade, sua privilegiada inteligência.

Sua polêmica com Cândido de Figueiredo, a respeito da colocação de pronomes, foi notória, despertou entusiasmo e não se podia distinguir qual o mais culto, o mais inteligente, o mais atilado.

Na sua vida jornalística, consoante afirmam os seus contemporâneos, também exerceu grandes atividades, lutando pelas boas causas. Fazia comícios, discursava com desembaraço, travava diálogos e sempre espelhando cultura e sabedoria.

Êste é o patrono de minha cadeira nesta Academia.

Professor, gramático, poeta e romancista, tam-

bém Bacharel em Direito, — o inesquecível Paulino de Brito, amazonense dos mais ilustres, honrou e dignificou sua terra. E seu devotamento por ela, levou-o ainda a escrever o belo poema «A abertura do Amazonas», premiado e classificado em primeiro lugar, na Exposição Benjamin Constant em 1895, em Belém, estado do Pará.

Glória das mais lídimas desta terra de Ajuricaba, seu espírito culto e sensível, enalteceu o Amazonas, tornando-se assim um nome digno e respeitado na literatura nacional.

Os mestres da literatura nos ensinam que «a Arte é visão ou intuição lírica. Arte é teoria no sentido originário da palavra, isto é, contemplação do sentimento. É conhecimento sensível e não conhecimento inteligível.

E isso Paulino de Brito nos demonstrou sobejamente, nos seus contos, nas suas poesias, nos seus romances e nos diversos trabalhos publicados.

A LITERATURA

Já Platão, num de seus célebres Diálogos, colocava na boca de Sócrates estas palavras: Esse dom de bem falar sobre Homero é, em ti (Ion) não uma arte, como eu há pouco dizia, mas uma fôrça divina.

E essa fôrça divina é a capacidade de criar.

Todo ser humano tem essa fôrça, restando simplesmente aproveitá-la, utilizá-la, usufruí-la.

A literatura nacional tem seus expoentes, suas glórias, suas altas capacidades, na poesia e na prosa.

De modo idêntico a literatura regional.

No seu livro «Letras da Amazônia», o ilustre Presidente desta Academia, Djalma Batista, já se expressava assim em 1938: «os intelectuais militantes, atualmente, no cenário das letras amazônicas, vêm



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**